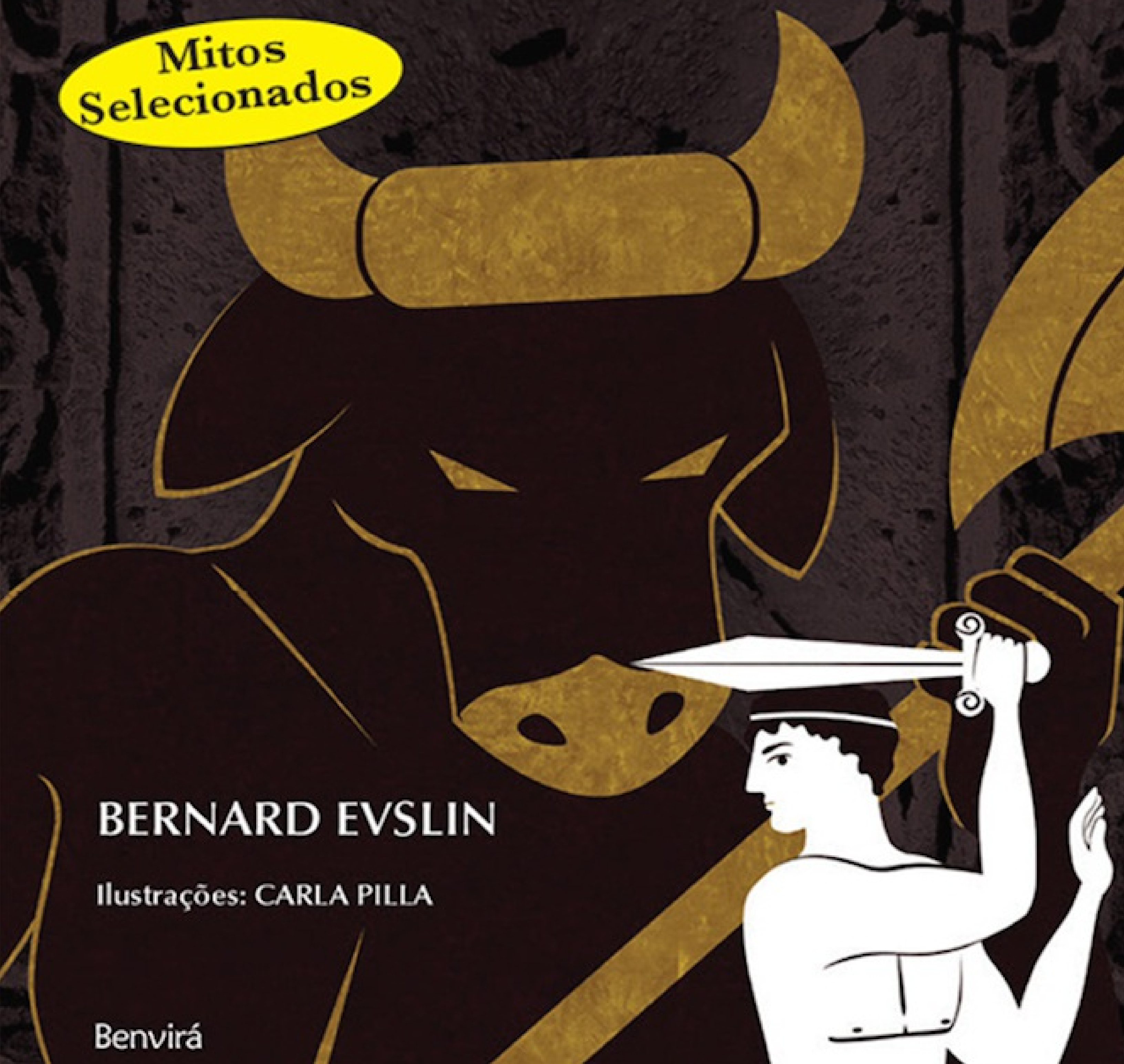
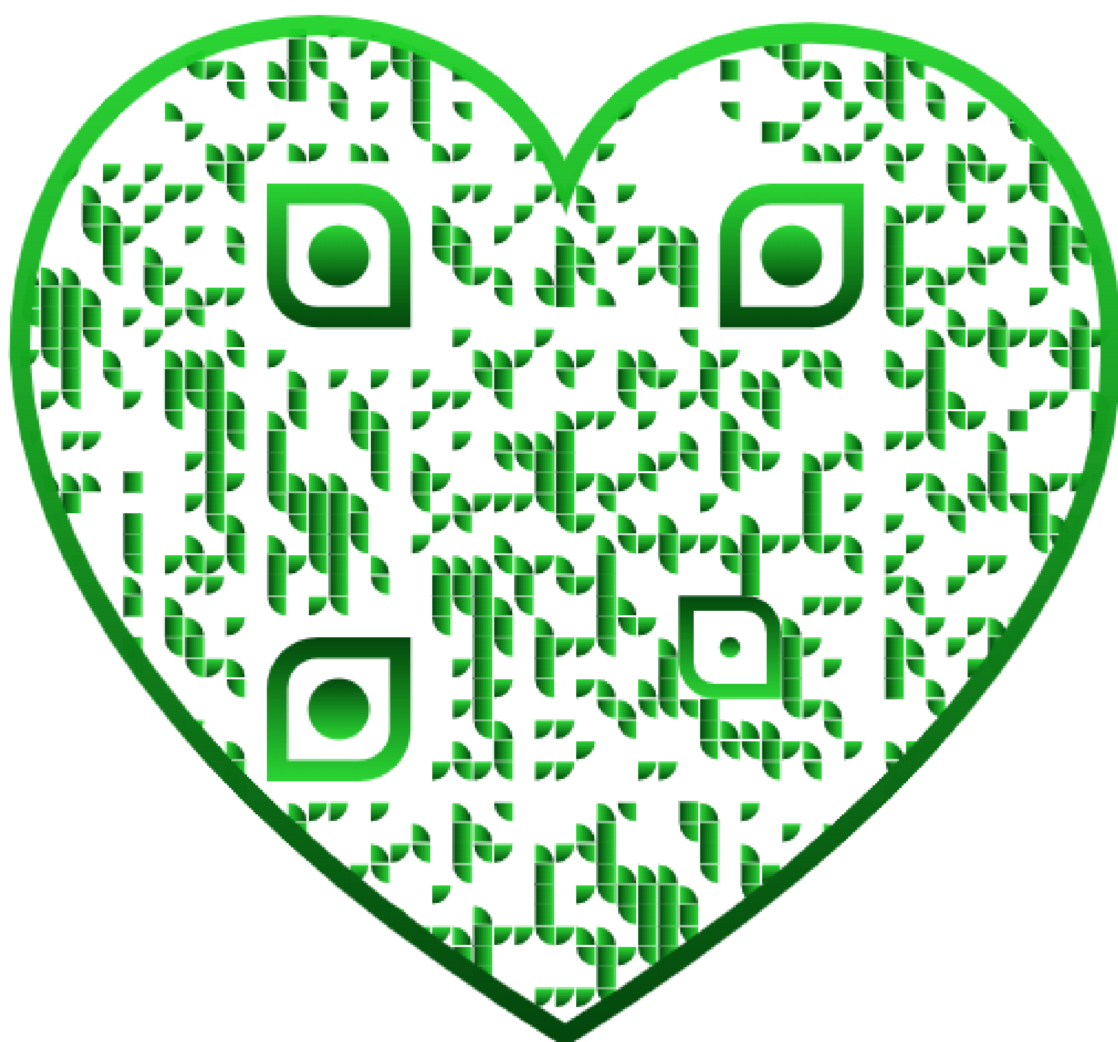
HERÓIS, DEUSES E MONSTROS
DA MITOLOGIA GREGA





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BERNARD EVSLIN

HERÓIS, DEUSES E MONSTROS
DA MITOLOGIA GREGA

Tradução
Marcelo Mendes

Benvirá

Introdução

Estas foram as primeiras histórias que ouvi na vida. Eu tinha quatro anos de idade, e meu tio, ainda jovem, praticava comigo seus conhecimentos de grego. Ele lia, no original, trechos da *Ilíada* e da *Odisseia*, e depois os traduzia para mim. As palavras estranhas caíam em meus ouvidos como uma espécie de música sombria e, depois de traduzidas, deixavam-me sempre um pouco decepcionado. Eu ficava feliz em saber o que se passava nas histórias e ficava ansioso para ouvir o que aconteceria a seguir — mas, mesmo assim, parecia estar faltando algo: as vozes retumbantes dos heróis, os sussurros do mar, o bater das lanças. Eu tinha sido contaminado com o vírus da poesia e não me dava conta disso.

Anos mais tarde, seguindo os passos de meu tio, estudei grego e latim. Ao ler aquelas mesmas histórias — da maneira que foram originalmente escritas por Hesíodo, Heródoto, Homero, Virgílio, Ovídio etc. —, senti no peito o mesmíssimo encantamento. E, ao ler as traduções, fiquei igualmente decepcionado.

Então passei a recontá-las com minhas próprias palavras.

Afinal, o que são essas histórias tantas vezes repetidas?

Na mitologia grega, tanto os heróis quanto os monstros são gerados pelos deuses. As Górgonas — aquelas criaturas terríveis, com serpentes no lugar de cabelos —, por exemplo, são netas de Reia, mãe de Zeus, o que as faz primas do arqui-inimigo delas, Perseu. Em outras palavras, tanto o bem quanto o mal descendem dos deuses. O bem é uma energia divina que se expressa por meio de heróis virtuosos. O mal é a mesma energia, só que invertida. Quando um herói enfrenta um monstro em qualquer uma dessas narrativas mitológicas, quase sempre se trata de uma briga em família. Essa ideia pagã influenciou todas as religiões que apareceram em seguida.

O nascimento de um monstro é cercado de fúria, e é isso que o torna monstruoso: a ira de um deus — ou, mais frequentemente, de uma deusa —, que produz em carne e osso uma criatura perigosa e horripilante.

Os heróis da mitologia grega são criaturas solares, e isso não quer dizer que eles simplesmente se desenvolvem à luz do sol; trata-se de uma qualidade moral. Os heróis amam o ar livre; eles voam, cruzam mares revoltos, correm nas colinas, caçam nas florestas. Quanto aos monstros, eles preferem a escuridão. Onde vivem as Górgonas, por exemplo, é sempre inverno. Cérbero é um cão de três cabeças que guarda os portões do sombrio Tártaro, a morada dos mortos. Cila e Équidna, as

terríveis mulheres-serpente, escondem-se em cavernas no fundo do mar, engolem as marés, provocam naufrágios, capturam os marinheiros e quebram seus ossos. O Minotauro vive em um labirinto de sombras. Assim, quando saem à captura desses monstros da escuridão, os heróis são obrigados a deixar a luz do sol, e é aí que começam os problemas.

Trata-se, portanto, de um tema religioso bastante recorrente: a eterna luta entre os poderes da Luz e os poderes da Escuridão. Na mitologia grega, ela é ilustrada por meio de histórias bastante singelas, que deixaram para sempre sua marca em nossa consciência.

Bernard Evslin



OS DEUSES







ZEUS

Crono — que emprestou seu nome ao tempo — casou-se com sua irmã, Reia, deusa da terra. Mais tarde, ao matar o próprio pai (Urano, o Primogênito), tornou-se o soberano dos deuses. À beira da morte, Urano profetizou: "Se me matar e roubar meu trono, será derrubado por um de seus próprios filhos, pois o crime gera o crime".

Assim, Crono procurou tomar cuidado. Resolveu devorar os próprios filhos à medida que eles nasciam. Primeiro, vieram três filhas: Héstia, Deméter e Hera; em seguida, dois filhos: Hades e Posseidon. Um a um, engoliu todos.

Reia ficou furiosa. Resolveu, então, impedir que Crono devorasse o sexto bebê que estava para nascer e que certamente seria um menino. Quando chegou a hora, desceu as encostas do Olimpo e procurou um lugar escuro e escondido para dar à luz. O recém-nascido era de fato um menino e recebeu o nome de Zeus. Reia pendurou um berço de ouro nos galhos de uma oliveira e depositou nele o filhinho adormecido. Em seguida, voltou para o topo da colina, enrolou uma pedra com os cueiros e fingiu estar embalando uma criança junto ao peito. Esbravejando e ofegando, Crono se levantou de sua majestosa cama, roubou da mulher a pedra

embrulhada e a engoliu imediatamente, achando que ali estava o bebê.

Reia correu novamente para onde havia deixado o berço de ouro, recolheu o filhinho e o entregou a uma família de pastores para que eles o criassem. Em troca, prometeu que as ovelhas da família jamais seriam comidas pelos lobos.

Zeus cresceu e se tornou um belo rapaz. Crono, seu pai, não estava sabendo de nada. Porém, com saudade do filho, Reia chamou Zeus de volta à morada dos deuses e o apresentou a Crono como seu novo criado. Crono ficou contente, pois o rapaz era de fato muito bonito.

Certa noite, Reia e Zeus prepararam uma bebida especial, chamada néctar, misturando a ela folhas de mostarda e sal. Na manhã seguinte, depois de um enorme gole, Crono não se conteve e vomitou: primeiro uma pedra e, em seguida, Héstia, Deméter, Hera, Hades e Posídon, os quais, por serem deuses, não haviam sido digeridos e ainda estavam vivos. Agradecidos, elegeram Zeus seu líder.

Depois disso, ocorreu uma terrível batalha. Crono contou com a ajuda de seus meios-irmãos, os Titãs. Eram seres medonhos, sinistros, mais altos que as árvores, que permaneciam confinados nas montanhas até que houvesse alguma luta da qual pudessem participar. Os Titãs atacaram violentamente os jovens deuses. Mas Zeus também tinha aliados. Ele correu até algumas cavernas muito profundas — cavernas sob cavernas sob cavernas, formadas a partir das primeiras bolhas produzidas pelo resfriamento da Terra — onde, milhares de séculos antes (um período relativamente curto na vida de um deus), Crono havia confinado outros monstros, como os Ciclopes (criaturas de um olho só) e os Hecatonquiros (criaturas de cem mãos). Zeus libertou seus primos medonhos e os liderou na luta contra os Titãs.

Um grande tumulto se formou nos céus. Sobre a terra, as pessoas ouviam o retumbar de trovões e viam montanhas inteiras virando pó. A terra tremia e ondas enormes varriam o mar enquanto os deuses lutavam. O velho Crono era um líder habilidoso, e os Titãs eram gigantescos. Eles atacavam violentamente, fazendo os jovens deuses recuar. Mas Zeus tinha preparado uma armadilha. Nas encostas do Olimpo, ele assobiou para seus primos, os Hecatonquiros, que estavam escondidos ali. Com cem mãos cada um, os monstros começaram a atirar pedras enormes contra os inimigos. Os Titãs acharam que a colina estava desabando e não tiveram outra saída senão fugir.

O jovem deus Pã — uma figura humana com orelhas, chifres, cauda e pernas de bode — urrava de felicidade. Terminada a batalha, disse que os Titãs fugiram simplesmente porque ficaram com medo dos urros dele. É daí que vem a palavra

pânico.

Vencedores, os jovens deuses voltaram ao Olimpo, tomaram o castelo, e Zeus se tornou o soberano. Ninguém sabe o que aconteceu a Crono e a seus Titãs. Mas, de tempos em tempos, montanhas explodem em fogo e a terra treme. E ninguém sabe ao certo por quê.



AFRODITE

Afrodite era a deusa do amor e da beleza. Portanto, há mais histórias sobre ela do que sobre qualquer outro, deus ou mortal. Sendo o que é, participa das mais diversas aventuras. Seu poder é tamanho que qualquer um que pronuncie seu nome — e nada mais do que isso — torna-se vítima de seu encantamento: tem a impressão de que vê seus ombros pálidos e sente o perfume de seus cabelos dourados.

Mas todos os relatos dão conta de que ela é a deusa do desejo e, ao contrário dos outros Olímpicos, jamais abandona suas obrigações. Seu trabalho é seu prazer; sua profissão é sua diversão. Não pensa em nada a não ser no amor, e ninguém espera dela outra coisa.

Afrodite é fruto do assassinato primário. Quando Crono matou seu pai, Urano, com a foice que sua mãe havia lhe dado, ele jogou ao mar o corpo desmembrado, e o sangue desse corpo se transformou em espuma. Dessa espuma surgiu uma belíssima ninfa, nua e banhada pelas águas do mar. As ondas cuidaram dela, e os

cavalos brancos de Posídon a levaram para a ilha de Citera. Por onde ela andava, a areia se transformava em relva, e flores brotavam do chão. Mais tarde, foi mandada para a ilha de Chipre. As encostas das montanhas ficaram cobertas de flores, e pássaros de toda espécie coloriram os céus.

Zeus mandou chamá-la ao Olimpo. Quando chegou, ela ainda estava molhada com a água do mar. Seu corpo estava coberto apenas com os longos cabelos, que chegavam à altura dos joelhos e eram amarelos como o narciso. Afrodite olhou para a sala do trono onde os deuses a aguardavam e sorriu de felicidade.

Hera observava Zeus atentamente. — Você deve fazer com que ela se case o mais rápido possível — sussurrou. — Quanto antes melhor!

— Sim — respondeu Zeus. — Um casamento parece apropriado.

Dirigindo-se aos presentes, Zeus anunciou: — Irmãos, filhos e sobrinhos! Afrodite precisa se casar e vai escolher seu marido. Façam suas ofertas!

Os deuses se aglomeraram em torno de Afrodite, gritando todo tipo de promessas e propostas. O trovejante Posídon teve de usar seu poderoso tridente para abrir espaço em meio à divina multidão. — Você deve ir para o mar — disse ele. — Você nasceu da espuma do mar e portanto me pertence. Ofereço grutas, pérolas, superfícies esplêndidas, profundezas obscuras... Enfim, ofereço a variedade! Marujos naufragados, maremotos, crepúsculos! Ofereço segredos! Ofereço riquezas que a Terra simplesmente desconhece! Poderes infinitamente mais sutis e fluidos do que os que ali se encontram! Venha comigo e você será a rainha dos mares!

Posídon bateu o tridente no chão. Subitamente, uma onda gigantesca se formou no mar, subiu às alturas como se quisesse engolir o Olimpo e depois parou, trêmula, segundos antes de se quebrar. Terminado o espetáculo, Posídon bateu novamente o tridente, e a onda se desfez em uma inocente marola. Afrodite sorriu, porém não disse nada.

Em seguida, cada um dos outros deuses apresentou sua proposta e sua lista de maravilhosos presentes. Apolo ofereceu um trono e uma coroa confeccionados com o mais puro ouro solar, uma biga de ouro puxada por cisnes brancos e as Musas como damas de companhia. Hermes prometeu torná-la a rainha das encruzilhadas por onde todos são obrigados a passar; ali ela ouviria todas as histórias, conheceria todos os viajantes, saberia de todas as novidades, assistiria a um riquíssimo desfile de aventuras e fofocas que jamais a deixaria entediada.

Afrodite sorriu para Apolo e para Hermes, mas também não respondeu.

Hera não estava nada satisfeita com o andamento das coisas. Hefesto, o feioso e

manco deus ferreiro, escondia-se atrás da multidão, com vergonha de se apresentar. Hera foi até ele, puxou-o pelo braço e sussurrou: — Vá até lá e se apresente, bobalhão! Diga exatamente o que eu mandei você dizer!

Hefesto se arrastou acanhadamente até a magnífica deusa. Sem sequer olhar para ela, disse: — Eu seria o marido ideal para alguém como você. Sempre trabalho até tarde.

Afrodite sorriu. Não disse nada; apenas levantou o queixo do ferreiro cabisbaixo e beijou seus lábios docemente.

Naquela mesma noite os dois se casaram. Na festa do casamento, por fim, Afrodite resolveu falar: aproximou-se de cada um de seus pretendentes dizendo quando poderiam visitá-la e levar todos os presentes prometidos.



PROMETEU

Prometeu era um jovem Titã que não tinha lá muito respeito por Zeus. Embora soubesse que o soberano dos céus se irritava quando lhe faziam perguntas muito diretas, não hesitava em confrontá-lo sempre que queria saber alguma coisa.

Certa manhã, dirigiu-se a Zeus e disse: — Oh, grande Senhor dos Raios, não compreendo seu propósito. O senhor colocou a raça humana sobre a Terra, mas insiste em mantê-la na ignorância e na escuridão.

— Da raça humana cuido eu — respondeu Zeus. — O que você chama de ignorância é inocência. O que você chama de escuridão é a sombra da minha vontade. Os mortais estão felizes como estão. E foram concebidos de tal forma que vão continuar felizes até que alguém os convença do contrário. Para mim esse assunto está encerrado.

Mas Prometeu continuou: — Olhe para a Terra. Olhe para os homens. Eles vivem nas cavernas, andam à mercê dos animais selvagens e das mudanças do tempo. Comem carne crua! Se existe algum propósito nisso, eu imploro, diga-me qual é! Por

que o senhor se recusa a dar aos homens o dom do fogo?

Zeus respondeu: — Por acaso você não sabe, jovem Prometeu, que para cada dom existe uma punição? É assim que as Moiras fiam o destino, ao qual até mesmo os deuses devem se submeter. Os mortais não conhecem o fogo, é verdade, nem os ofícios que dele advêm. Por outro lado, também não conhecem a doença, a velhice, a guerra, nem aquela peste interior chamada preocupação. Acredite em mim, eles estão felizes sem o fogo. E assim devem permanecer.

— Felizes como os animais — argumentou Prometeu. — Qual é o sentido de criar os humanos e fazer deles uma raça distinta, dotando-os de escassa pelagem, de certa inteligência e do curioso charme da imprevisibilidade? Se devem viver dessa maneira, por que separá-los dos animais?

— Os humanos têm ainda outra qualidade — disse Zeus. — Eles possuem o dom da adoração: uma predisposição para admirar nosso poder, para ficar intrigados diante de nossos enigmas, para se maravilhar diante de nossos caprichos. Foi para isso que foram criados.

— Mas não ficariam mais interessantes se dominassem o fogo e criassem maravilhas com ele?

— Mais interessantes, talvez, porém infinitamente mais perigosos. Pois os humanos contam ainda com mais esta característica: a vaidade, um orgulho próprio que ao menor estímulo pode adquirir proporções descomunais. Dê a eles o progresso e eles imediatamente se esquecerão daquilo que os torna seres assim tão aprazíveis: a humildade, a disposição para adorar. Vão ficar todos cheios de si e vão começar a se considerar deuses também. Correremos o risco de vê-los bem aqui, à nossa porta, prontos para invadir o Olimpo. Agora chega, Prometeu! Tenho sido paciente com você, mas minha paciência tem limites! Agora vá embora, e não me perturbe mais com suas especulações.

Prometeu não se deu por satisfeito. Passou toda aquela noite acordado, fazendo planos. Na madrugada, levantou-se de seu sofá e, pé ante pé, atravessou o Olimpo. Segurava um caniço dentro do qual havia um pavio de fibras secas. Assim que chegou à beira do monte, esticou o braço em direção ao horizonte leste — onde brilhavam os primeiros raios de sol — e deixou que o pavio se acendesse no fogo. Em seguida, escondeu o caniço em sua túnica e desceu à Terra.

De início, os homens ficaram assustados com o presente. Era tão quente, tão fugaz... Não se deixava tocar e, por puro capricho, fazia dançar as sombras que criava sobre o chão. Eles agradeceram a Prometeu e pediram que ele levasse o

presente de volta. Mas Prometeu buscou a carne de um cervo que havia acabado de ser caçado e a segurou sobre o fogo. Quando a carne começou a assar e a crepitar, impregnando a caverna com seu cheiro delicioso, as pessoas se deixaram levar pela fome e se lançaram sobre o assado, devorando-o voluptuosamente e queimando a língua.

— Isto que trouxe de presente chama-se "fogo" — explicou Prometeu. — Trata-se de um espírito indomável, um pequeno irmão do sol. Mas, se for tratado com cuidado, poderá mudar a vida de toda a humanidade. Também é um espírito guloso; vocês devem alimentá-lo com galhos e folhas, porém somente até que ele atinja um tamanho adequado. Depois disso, não o alimentem mais, ou ele devora tudo o que estiver ao seu alcance, inclusive vocês. Somente uma coisa será capaz de detê-lo: a água. O espírito do fogo teme o espírito da água. Se for tocado pela água, ele desaparece até que seja chamado novamente.

Prometeu saiu da caverna onde estava e deixou ali uma fogueira acesa. Criancinhas com olhos arregalados se juntaram em torno da novidade. Em seguida, percorreu todas as cavernas sobre a face da Terra e repetiu o mesmo discurso.

Algum tempo depois, Zeus olhou do alto do Olimpo e ficou perplexo. Tudo havia mudado. Os homens haviam deixado suas cavernas. Zeus viu cabanas de lenhadores, fazendas, vilarejos, cidades muradas, e até mesmo um castelo ou dois. Os homens cozinhavam seus alimentos e carregavam tochas para iluminar seu caminho à noite. No interior de oficinas flamejantes, fabricavam cochos, quilhas, espadas e lanças. Construíam navios e costuravam velas, ousando se aproveitar da fúria dos ventos para se locomover. Usavam capacetes e travavam batalhas montados em bigas, assim como faziam os próprios deuses.

Zeus ficou furioso e imediatamente apanhou o maior raio de que dispunha. — Se eles querem fogo — disse a si mesmo —, então fogo eles terão! E muito mais do que pediram! Vou transformar aquele mísero planeta que eles chamam de Terra em um monte de cinzas! — Mas, de repente, uma ideia surgiu em sua mente e Zeus baixou o braço. — Além de vingança — prosseguiu —, quero diversão! Que eles se destruam com suas próprias mãos e suas próprias descobertas! Vai ser um espetáculo longo, muito interessante de se ver! Deles posso cuidar depois. Meu assunto agora é com Prometeu!

Zeus chamou seu exército de gigantes e ordenou que eles prendessem Prometeu, o levassem até o Cáucaso e o amarrassem ao pico de uma montanha com correntes tão fortes — especialmente forjadas por Hefesto — que nem um Titã em fúria seria

capaz de arrebentá-las. Feito isso, chamou dois abutres e mandou que eles comessem lentamente o fígado daquele obstinado amigo dos mortais.

Os homens sabiam que algo de terrível acontecia na tal montanha, mas não sabiam exatamente o quê. O vento uivava como um gigante atormentado e, às vezes, gritava como as aves de rapina.

Prometeu permaneceu ali durante muitos séculos, até nascer outro herói suficientemente corajoso para desafiar os deuses. Esse herói foi Héracles, que subiu até a montanha, cortou as correntes que prendiam Prometeu e matou os abutres.

Leia mais na íntegra

(disponível nas versões impressa e digital)

www.benvira.com.br

Introdução

OS DEUSES

Zeus

Hera

Atena

Posídon

Hades

Deméter

O nascimento dos deuses

Ártemis

Apolo

Os filhos de Apolo

Hermes

Hefesto

Afrodite

OS MITOS DA NATUREZA

Prometeu

Pandora

Faetonte

Orfeu

Narciso e Eco

Eros e Psiquê

Aríon

SEMIDEUSES

Perseu

Dédalo

Teseu

Atalanta

FÁBULAS

Midas

Pigmalião

Sinopse

Os heróis mitológicos são seres solares que amam o ar livre: voam, cruzam mares revoltos, correm nas colinas, caçam nas florestas. Os monstros preferem a escuridão: Minotauro, homem com cabeça de touro, por exemplo, habita um labirinto sombrio. Mas tanto heróis como monstros são gerados pelos deuses do Olimpo, que vivem interferindo no cotidiano dos mortais.

Heróis, deuses e monstros da mitologia grega mostra todos esses seres extraordinários de uma maneira diferente: o leitor acompanha os diálogos entre deuses e semideuses, desvenda seus pensamentos, vivencia suas aventuras – e, assim, entra em contato com a rica cultura da Antiguidade.

Sobre o autor

Bernard Evslin cresceu ouvindo as narrativas da mitologia contadas por seu tio, que lia para ele trechos da Ilíada e da Odisseia de Homero.

Mais tarde, seguindo os passos do tio, estudou grego e latim e tornou-se especialista em deuses e monstros mitológicos. Evslin também escreveu novelas, filmes e peças teatrais.